

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA LIGADO AO CONTEXTO REAL DE PRODUÇÃO

Josiane de Almeida Gonçalves Goulart (UEMS)

josi_ane_12@hotmail.com

RESUMO

Uma realidade vivenciada por muitos professores que ensinam língua, em especial a língua portuguesa, têm se tornado algo bem desafiador, pois muitos ainda insistem em um ensino voltado ao tradicionalismo, ao objetivo do ensino de regras gramaticais. Nessa perspectiva, o que é repassado em sala de aula foge à realidade dos alunos, uma vez que não veem a teoria ligada à sua realidade, tornando, assim, um ensino desconectado das suas realidades. Ao contrário desse contexto de ensino, estão os postulados de Saussure, que vê a língua como algo ligado ao social, ao dia a dia. O teórico pondera que a língua é construída pela interação dos indivíduos pertencentes a uma sociedade. Vê a língua como um signo linguístico, construído pela união do sentido/conceito com a imagem acústica, isto é, surge nessa interação o significado e o significante. Partir do entendimento teórico do que seja língua e ligá-lo a sua prática, resultará em um ensino muito mais contextualizado e significativo. Este estudo tem a finalidade de resgatar os postulados do mestre Saussure como fundamento para o estudo da língua. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que permite reunir informações advindas das principais teorias que norteiam um trabalho científico, a qual, certamente, subsidiará construção da investigação proposta. Teóricos como: Antunes (2007); Fiorin (2017); Perini (2006); Saussure (2012[1916]), fundamentam esta explanação. As leituras que ora realizamos proporcionaram uma reflexão sobre o ensino da língua, considerando suas variações, bem como o seu uso de acordo com as intenções comunicativas dos discentes.

Palavras- chave:

Ensino produtivo. Língua portuguesa. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

A reality experienced by many teachers who teach language, especially Portuguese, has become quite challenging, as many still insist on teaching focused on traditionalism, the objective of teaching grammatical rules. In this perspective, what is passed on in the classroom is beyond the students' reality, since they do not see the theory linked to their reality, thus making teaching disconnected from their realities. Contrary to this teaching context, there are the postulates of Saussure, who sees language as something connected to the social, to the day to day. The theorist ponders that language is constructed by the interaction of individuals belonging to a society. He sees the language as a linguistic sign, built by the union of the sense / concept with the acoustic image, that is, the meaning and the signifier emerged in this interaction. Starting from the theoretical understanding of what language is and connecting it to your practice, will result in a much more contextualized and meaningful teaching. This study aims to rescue the postulates of the master Saussure as a foundation for the study of the language. It is a qualitative bibliographic research that allows gathering information

from the main theories that guide a scientific work, which, certainly, will subsidize the construction of the proposed investigation. Theorists such as: Antunes (2007); Fiorin (2017); Perini (2006); Saussure (2012 [1916], substantiate this explanation. The readings we have now carried out provided a reflection on the teaching of the language, considering its variations, as well as its use according to the communicative intentions of the students.

Keywords:

Portuguese language. Productiv Teaching. Teaching of Portuguese Language.

1. Introdução

Há muito tempo, professores de língua materna vêm escutando de seus alunos alguns questionamentos sobre o motivo de se aprender língua portuguesa. E, infelizmente, a resposta que esses discentes ouvem é “Porque sim!”. As consequências, disso tudo, são aprendizes desmotivados e professores frustrados por não compreenderem o seu papel de ensinar língua.

Diante de um cenário de tantos questionamentos, surge a necessidade de demonstrar aos discentes o motivo de se estudar língua. É preciso apresentar aos aprendizes algo que lhe traga significância para aquilo que está sendo ensinado. Oferecer-lhes o contexto real de produção das montanhas de regras gramaticais, das normas-padrão expostas em sala de aula.

Cabe ao professor apontar-lhes os caminhos que facilitam a sua aprendizagem, desenvolvendo nesses aprendizes a competência das variedades da língua. Tornar aquilo que ensina mais significativo, pois, só, assim, esse aluno conseguirá entender os diversos usos da linguagem, de acordo com sua intenção comunicativa.

Segundo Moran,

[...] aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando fazemos relações, estabelecemos vínculos, laços entre o que está solto, caótico, disperso. Integrando em um novo contexto, dando-lhe significado encontrando novo sentido. (MORAN, 2013, p. 28)

Para que o ciclo de aprendizagem seja completo, é importante um ensino voltado à interação, a uma prática pedagógica mais eficaz, cercada com elementos do dia a dia do aluno. Dessa maneira, o que está sendo ensinado gerará frutos de aprendizagem mais produtivos, já que se encontra em um terreno altamente fecundo.

No estudo ora apresentado, abrigamo-nos nas teorias de Ferdinand Saussure. Acreditamos que elas podem oferecer-nos contribuições relevantes para o ensino–aprendizagem de língua materna. Dentro dessa concepção, temos como objetivo para este artigo, examinar como os postulados de Saussure podem contribuir para o ensino de Língua Portuguesa nas salas de aula espalhadas pelo Brasil.

Para isso, dividimos o nosso artigo em tópicos de análise. Partiremos das concepções teóricas do autor aqui evidenciado, para, assim, analisar como esses postulados podem contribuir para o ensino eficaz de língua, em particular, de língua portuguesa.

2. *Língua: um aspecto natural*

Os postulados de Saussure (2012 [1916]), em especial a língua e a fala, deram à linguística um novo olhar, pois o funcionamento da língua sobrepõe-se às questões da função. Para o mestre, a linguística “tem um lado social e um lado individual, sendo inconcebível projetar um sem o outro” (SAUSSURE, 2012, p. 2). Para o estudioso, a fala possui caracteres como assistemática, heterogênea e concreta; já a língua é sistemática, homogênea, abstrata e, portanto, passível de análise interna. Esses conceitos começaram a estabelecer uma oposição à fala o que provocou um corte das questões da língua.

A língua para Saussure (2012, p. 41) “não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial a ela”. É um produto social, a fim de proporcionar o exercício natural da linguagem das pessoas. É também um sistema aberto, “constitui algo adquirido e convencional” (2012, p. 41), isto é, tem que ser aprendida, mesmo de um modo totalmente natural, uma vez que é uma convenção, um acordo em todos os aspectos, sejam eles sintáticos ou semânticos.

Para Perini (2006):

Cada língua é um retrato do mundo, tomado de um ponto de vista diferente, e que revela algo não tanto sobre o próprio mundo, mas sobre a mente do ser humano. Cada língua ilustra uma das infinitas maneiras que o homem pode encontrar de entender a realidade. (PERINI, 2006, p. 52)

Assim, percebemos que a língua está ligada à realidade de todos os indivíduos, como sendo um meio de dar sentido às coisas, bem como a tudo que está a sua volta. É aprendida em interações sociais, no dia a dia desde a mais tenra idade, conforme Antunes (2007, p. 29), “ela vai sendo

aprendida naturalmente, quer dizer, na própria e experiência de ir fazendo tentativas, ouvindo e falando”.

Nesse sentido, a língua vai se aderindo de forma intuitiva, pelo fato de o indivíduo estar exposto à convivência com os outros, assim como nas atividades sociais de seu uso, nas conversas com familiares (ANTUNES, 2007, p. 29).

Assim, verificamos que a língua é um sistema de signos, pois só existe pela junção de sentido e da imagem acústica, algo que discutiremos próximos tópicos.

Como acabamos de ver as definições de língua, verificamos que ela é aprendida de forma natural, desde a mais tenra idade, no entanto, dentro de muitas instituições de ensino esse aspecto não é considerado. Alguns professores, em especial os de língua portuguesa, acreditam que precisam ensinar algo que os alunos não têm nenhum conhecimento, algo que não é verdade. Antunes (2003) faz uma crítica em relação ao ensino de gramática de regras incondicionalmente rígidas, a autora argumenta que essa “foge à realidade com que a comunicação verbal ocorre e só é possível na descontextualização das frases isoladas e artificiais com que são fabricados os exercícios escolares” (2003, p. 91).

Ainda nesse contexto de discussão, Antunes (2003, p. 92) continua trazendo um questionamento sobre o modo de se aprender língua focado apenas em gramáticas ou livros didáticos, diz que, muitas vezes, o ensino nas aulas de Língua Portuguesa foge da realidade dos aprendizes.

Nesse sentido, é necessário que o docente tenha ciência de que ensina uma língua que os seus aprendizes já têm conhecimento, por mais que seja intuitivo e implícito. Todavia, esse conhecimento precisa ser “enriquecido e ampliado com o conhecimento explícito dessas regras” (ANTUNES, 2003, p. 94).

Sob essa ótica de enriquecimento e ampliação do conhecimento, adentra-se ao ensino da norma-padrão da língua, ou seja, a norma de prestígio utilizada por pessoas com escolarização mais “alta”. Essa norma é utilizada em meios sociais formais. Segundo Antunes (2003, p. 95), “Uma forma linguística não é, em si mesma, melhor que a outra. É, na verdade, mais (ou menos) adequada, dependendo das situações em que é usada”.

No próximo tópico, discutiremos sobre o conceito da norma-padrão, assim como a sua relação com a prática de ensino de língua.

Analisaremos os aspectos da variação linguística dentro de um ambiente de sala de aula.

3. *Variação linguística no ambiente da sala de aula*

Em relação ao ensino de línguas, algo muito importante que precisa ser considerado é o aspecto das variedades linguísticas dentro de uma sala de aula, uma vez que é necessário desenvolver nos discentes a competência de utilizá-las de acordo com a sua intenção comunicativa. De acordo com os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa- PCNs:

É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1998, p. 82)

Posto isso, verificamos que se faz necessário o trabalho de reflexão linguística em sala de aula, haja vista que o desenvolvimento da competência discursiva deve estar constantemente presente nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que os alunos precisam ter a consciência que existem padrões de menos prestígio social que também necessitam ser considerados, de acordo com Coelho (2015, p. 138), “a norma culta deve ter lugar garantido na escola, mas não deve ser a única (norma) privilegiada no processo de conhecimento linguístico proporcionado ao aluno”.

Nessa mesma ótica, Antunes (2007, p. 100) afirma que “[...] não podemos alimentar a ideia de que existem normas inerentemente melhores, mais bonitas, mais lógicas, mais puras que outras”. Esses conceitos apresentados pelos autores são de suma importância para os docentes, visto que são eles que conduzirão os aprendizes desenvolverem essa competência discursiva.

Logo, a todo momento, esses professores precisam “rejeitar a impressão de que aqueles que falam fora da norma culta são rudes, pouco inteligentes, ignorantes e incultos” (ANTUNES, 2007, p. 100). Isso porque não estamos diante de um ensino em que a base é a própria língua que, segundo Saussure (2012), é puramente estabelecida pelo meio social, logo precisa ser ensinada respeitando todas as suas variações.

Um aspecto que é muito necessário para ser trabalhado em sala de aula, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, é o desenvolvimento da competência do reconhecimento das “regularidades das diferentes variedades do português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados” (BRASIL, 1998, p. 52). Trabalhando nessa perspectiva, podemos combater um preconceito linguístico existente, muitas vezes, pela falta de conhecimento aprofundado sobre a sua própria língua.

Ainda, os PCNs orientam que é imprescindível que os discentes “aprendam novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. (BRASIL, 1998, p. 82).

Por isso, que no próximo tópico abordaremos a teoria de Saussure (2012) um mestre na conceituação de língua.

4. Teoria de Saussure e o ensino de língua

Quando Saussure (2012) remete à língua como um ato de convenção, que nada mais é do que normas estabelecidas pela sociedade, vemos que ela não é estática, estagnada em si mesma, forma-se ajustada ao contexto de produção, tudo isso, para que a exerçamos na no seu dia a dia.

A partir do momento que o discente procura compreender como a língua está organizada e estruturada, torna-se capaz de retirar significados de suas variadas maneiras de expressão. Ele começa a ter uma proximidade com essa “entidade”, se assim podemos chamá-la.

Então, quando o professor parte desse entendimento de língua apresentado por Saussure (2012), pauta a sua aula em algo bem mais real. O seu aluno começa a entender o porquê de se estudar língua. Dessa maneira, começamos a trabalhar com os fatos da linguagem, com a sua atuação na sociedade, na qual os aprendizes estão inseridos.

Não obstante, cabe-nos enxergar a importância de relacionar teoria e prática, entender que essas se entrelaçam durante o processo de ensino. Uma completa a outra, gerando uma unicidade. Nas palavras de Antunes,

Mas o desinteresse pela teoria pode significar também uma incompreensão do que seja “teoria” e “prática”, de como uma e outra se interdependem ou se alimentam mutuamente. Como pode significar ainda uma certa acomodação dos professores, que, passivamente, esperam que alguém ve-

nha dizer a eles o que fazer e como fazer, dispensando-os, assim, do trabalho constante de estudar, de “estar atentos”, de pesquisar, de avaliar, de criar, de inventar e de reinventar sua prática, o que naturalmente supõe fundamentação teórica, ampla, consistente e relevante. Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos (ANTUNES, 2003, p. 40)

É evidente que, se as aulas reservadas na semana de língua portuguesa fossem pautadas nas teorias de Saussure, poderíamos impulsionar o sucesso no que diz respeito ao ensino e aprendizagem. Para isso ocorrer, o pontapé de partida deve ser dado pelo professor, é ele quem precisa rever sua prática, buscar sanar os óbices encontrados em sua didática pedagógica, assim, desfrutar de um novo modo de ensinar línguas.

Assim, é necessário que o docente compreenda as bases teóricas sobre a língua, pois quando ele entende a base filosófica de uma gramática tradicional, a qual tem um caráter normativo, é possível entender quais os conceitos que perpassam sua constituição e organização.

É essencial o entendimento de que cada abordagem gramatical parte de uma concepção de língua, ou seja, cada teoria oferece uma concepção diferente segundo caminhos diferentes. Assim que compreendemos, trazemos, primeiramente, as definições de língua e gramática apresentadas pelas gramáticas normativas.

O ensino por normas, muitas vezes, fica estático, sem relação à prática de uso. A gramática, por ter como objetivo a prescrição de regras que satisfazem à norma-padrão da língua, recebe diversas críticas, seja pela metodologia adotada, seja pelo preconceito linguístico que está intrínseco à ideia da manutenção de uma norma prestigiada socialmente, em detrimento das demais variantes.

Assim, fica evidente a necessidade de se compreender, em primeiro lugar, qual concepção de língua a ser adotada, assim como a maneira de se ensinar a língua, baseando em um aspecto contextual dela, assim como despertar nos discentes um modo reflexivo das relações da língua em nosso dia a dia.

5. O ensino língua de modo reflexivo

Não é de hoje que o estudo esvaziado das regras gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa tem trazido grandes problemas para a sistematização dos objetos de conhecimento ensinados em sala de aula. Há anos que linguistas têm questionado sobre essa prática tradicionalista e

suas consequências para aprendizagem.

Quando voltamos nossos olhos para a língua no ambiente da sala de aula, estamos a considerando como estudo da linguagem em seus diversos funcionamentos. No entanto, o que se vê em muitas instituições, infelizmente, se reduz a um ensino por vezes atados à repetição de classificação, na crença de que assim os alunos a dominarão.

Entretanto, o ensino de língua ultrapassa a classificação seca, descontextualizada, haja vista que ela é tão rica para ser uma água estanke. Portanto, é imprescindível ao professor que ensina língua materna conhecer e dominar essa entidade, como ressalta Geraldí (2011, p. 42), “no ensino de língua é muito importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentença”.

Segundo Cunha (2011), nossas práticas de ensino são orientadas pelas nossas concepções de língua e linguagem que recebemos. Diante disso, evidenciamos que a forma, o modo que esse professor vê a linguagem refletirá nas ministrações de suas aulas e, isso, será transmitido para sua didática.

É vital o entendimento que o estudo da gramática faz parte da língua. Nela estão explicitadas as suas relações com as palavras dentro de um dado contexto. Faz-se necessário, então, esclarecer que esse é o caminho para chegarmos ao que é chamado de língua padrão, nessa está a ciência. É com ela que trabalhamos em sala de aula.

De acordo com o que prescreve os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), no ensino de língua deverá ser propiciado ao aluno o desenvolvimento de sua competência comunicativa, ou seja, o domínio da oralidade e da escrita, em especial, em sua modalidade padrão. O planejamento de aulas que busquem uma ação reflexiva acerca desses usos, bem como abordá-la em suas diversas modalidades expressivas. O enfoque não é na memorização, mas na compreensão do uso real da língua e suas variações.

É preciso que se extrapole os muros do tradicionalismo, que consiste em classificações, categorizações de palavras e na rotineira memorização de regras. Surge, assim, uma urgência da clareza do entendimento do que é língua, como ela se manifesta no dia a dia. Apresentar aos aprendizes que ela é um fato social, que existe para organizar e reorganizar o mundo para o homem, com ela interagimos de acordo com nossas

intenções comunicativas. Abaixo há um esquema que demonstra como o processo tradicional se dá por muitas vezes.

Figura 1: Esquema de processo tradicional de ensino.



Fonte: Elaborado pela autora.

A imagem, ora apresentada, retrata um ciclo esgotável em si mesmo. Demonstra uma metodologia cujo fracasso e insucesso já foi constatado há anos. Entretanto, ela, ainda, persiste em muitas realidades escolares, por isso, é urgente a busca por um método que dialogue com a realidade dos nossos educandos.

Em contraponto a essa realidade tradicional, exposta no esquema acima, está o universo que abarca o ensino de Língua Portuguesa de forma real e prática, a análise linguística. Que nada mais é do que a construção do saber com base em uma ação reflexiva da língua, na qual se preconiza fazer o aluno entender as variações da língua, bem como a sua função no nosso dia a dia. Cria-se situações de aprendizagem que favoreçam a associação dos conceitos com a prática.

Com práticas pedagógicas como essas, o docente começa a esclarecer ao discente que os conteúdos que são apresentados em explicações como nos livros didáticos fazem parte do seu cotidiano. Não é uma mera classificação, e, sim, a construção de um entendimento a partir de um contexto de produção e análise.

Para Geraldí (2011), é preciso que o professor pautе sua metodologia em ações reflexivas, pensar em aulas que vão muito mais fundo do que um simples estudo de regras. O autor explicita que:

O uso da expressão ‘análise linguística’ não se deve ao gosto de meras terminologias. A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre as questões tradicionais de gramática, quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais: adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações, discursos direto e indireto, etc.), organização e inclusão de informações. (GERALDI, 2011, p. 74)

Como visto, o ponto de partida do estudo é a prática real da linguagem. É dela que são retiradas as análises sobre a língua. O objeto de conhecimento está dentro de um contexto. Quando o professor tem como ponto de partida essas interações reais, passa a construir o conhecimento em um campo bem mais firme, que gerará frutos mais consistentes da aprendizagem.

Por isso, quando interligamos as nossas aulas de Língua Portuguesa às teorias estabelecidas, percebemos que a língua é produzida socialmente, conforme as palavras de Possenti (2011, p. 36), “o domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas”. Logo, para que o nosso aluno domine a língua padrão, faz-se necessário oferecermos um contexto real de produção, assim, poderemos chegar a uma aprendizagem mais significativa, desenvolvendo, em nossos discentes, habilidades de utilização cotidiana da língua.

Quando o docente fica em um ciclo de ensino tradicional, amarrado a regras, o que ocorre, muitas vezes, é um fracasso na aprendizagem, pois o aluno fica preso a um processo de regras e memorização sem nenhuma relação prática da língua. Diante dessa realidade, surge a necessidade da popularização de metodologias inovadoras, que se baseiam em um ensino de língua interligado com as práticas sociais. Sobre essa abordagem que discutiremos a seguir, a fim de verificarmos o caminho para o ensino de língua de modo prático e contextual.

6. Metodologia voltada às relações contextuais da língua

Existem metodologias inovadoras em algumas instituições de ensino espalhadas pelo Brasil. Uma dessas é o Sistema de Colégio Militar do Brasil (SCMB), que abarca em seu método de ensino de língua, uma metodologia prática e funcional.

No *site* do SCMB, verificamos a visão institucional do Sistema, assim como a sua forma de ensino, a qual é pautada na contextualização, que visa ao resgate daquilo que o aluno já sabe, ou seja, os seus conhe-

cimentos prévios, com o fim em uma aprendizagem mais significativa. Preconiza, ainda, que as aulas tenham como alvo o desenvolvimento de competências e habilidades, as quais são fundamentais ao prosseguimento dos estudos acadêmicos e não, simplesmente, conhecimentos supérfluos que se encerram em si mesmos.

Em seu Projeto Político Pedagógico, é elencada uma metodologia voltada aos fatos da linguagem. Ali está claro que o professor deve partir de uma análise contextual, do uso real da língua. O ponto de partida do ensino da gramática é o contexto de utilização da língua, seja ele oral ou escrito, e a partir dele é feita uma análise linguística do objeto de conhecimento. Relaciona-se o estudo a um contexto real de produção, para que se entendam e produzam enunciados de acordo com a sua intenção comunicativa.

Dessa forma, o que é preconizado é o estudo da linguagem em seu funcionamento de produção, oportunizando o domínio do dialeto padrão, o qual é envolto a uma ação reflexiva por parte do discente, considerando as variações linguísticas existentes.

Não é de se estranhar o desempenho louvável que essa instituição de ensino tem em nosso país. As aulas são pensadas para haver uma discussão dos fatos de linguagem. Com isso, o aluno começa a ser ativo em sua aprendizagem. O uso da gramática passa ser a ponte para ele se apropriar da língua.

Temos na língua uma fonte linguística, que como educadores recorreremos a ela para enveredarmos o nosso estudo em sala de aula. Segundo Saussure, língua é “o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa entender e fazer-se compreender” (SAUSSURE, 2012, p. 92).

Partindo desse princípio, haverá uma compreensão maior do papel de se ensinar língua nas escolas. É mais que uma simples obrigação curricular, faz parte da formação cidadã dos educandos. A escola tem o dever de apresentar a sociedade pessoas pensantes e críticas, fazendo o uso da linguagem que é discutida dentro das salas de aulas de todo país. Agindo dessa forma, a escola cumprirá o seu papel em nossa sociedade.

7. Considerações finais

As referências teóricas selecionadas, em especial as de Saussure,

deixaram evidências que a nossa prática pedagógica, como professores de língua, precisa ser revisitada e refletida, para propiciarmos aos nossos aprendizes aulas que dialoguem com o seu dia a dia.

No momento em que nos apropriarmos de uma atitude mais reflexiva, chegaremos a uma aprendizagem mais significativa e muito mais enriquecedora. Uma vez que o assunto discutido em sala de aula é a prática do uso da linguagem, e não mera apresentação de regras e exceção.

Dessa maneira, o foco do ensino deixa de ser a gramática e passa a ser intenção comunicativa, bem como o enfoque nas características do contexto de produção do discurso, seja oral ou escrito.

Portanto, o estudo teórico mostrou que a linguística trata de uma ciência que se ocupa do estudo acerca dos fatos da linguagem, conforme explicou Saussure (2012). As correntes teóricas que envolvem a linguística moderna foram temas importantes na compreensão do estudo acerca das gramáticas. Foi possível depreender que cada dicotomia conhecida foi necessária para estabelecer novos métodos de análise e estudo dentro da ciência da linguística, e, na contemporaneidade, outros estudiosos se ocupam dessa ciência de Saussure para a luz nos estudos da linguística atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, IRANDÉ. *Aula de português: encontro & interação*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL, Ministério da Defesa. Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA). *Sistema de Colégio Militar do Brasil*. Disponível em: <<http://www.depa.eb.mil.br/sistema-colegio-militar-do-brasil>>. Acesso em 22 abr. 2020.

_____. *Projeto Pedagógico do Sistema Colégio Militar do Brasil-PP/SCMB*. Rio de Janeiro, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desenvolvimento. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília-DF: MEC/SEF, 1998.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 141-64

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer linguística)

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 113-26

CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M.E. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-76

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: ____ (Orgs). *Funcionalismo e ensino de gramática* [recurso eletrônico]. 1. ed. Natal-RN: EDUFRN, 2016. p. 12-49

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: ____ (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 55-74

____ (Org.) *et al. Linguística? O que é isso?*. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

GERALDI, João Vanderley (Org.) *et al. O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MORAN, José Manoel *et al. Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Rev. e atual. Campinas-SP: Papyrus, 2013.

PERINI, Mário. *Princípios de Linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, J.W. (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2004, p. 36

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.